
**ENTRE-LUGARES:
nuances orientais
nas escrituras
BRASILEIRAS DE RADUAN
NASSAR e MILTON
HATOUM***

Marta Lúcia Pereira Martins
(Ceart-Udesc) Florianópolis,
Santa Catarina, Brasil

RESUMO:

O texto aborda comparativamente, parte da obra de dois escritores brasileiros de origem árabe, Raduan Nassar e Milton Hatoum, e a relação entre escrita e origem e mesclas étnicas, bem como as tensões formais recorrentes nas literaturas moderna e contemporânea.

ABSTRACT:

The text approaches, comparatively, part of the work of two Brazilian writers of Arab origin, Raduan Nassar and Milton Hatoum, and the interaction between writing and origin and ethnic blends, as well as the recurrent formal tensions in modern and contemporary literatures.

PALAVRAS-CHAVE:

literatura, orientalismo,
cultura brasileira

>>

KEYWORDS:

literature, orientalism,
brazilian culture

*Agora entre o meu ser e o ser alheio a
linha de fronteira se rompeu.*

Wally Salomão

Entre os itens que regulam a criação artística e literária em nossos dias e que norteiam os vínculos entre ética e estética, legitimação e mercado, valores e intensidades formais - entre outros - encontramos aqui e ali, ainda que transfigurada, a velha problemática tão discutida pelas vanguardas históricas do início do século XX: a da Tradição versus Ruptura. Naquele contexto, o problema da quebra da narrativa de cunho ilusionista-realista, que marcaria o futuro próximo da agenda literá-

ria, armaria um modelo que foi, posteriormente definido pelo ensaísta mexicano Octávio Paz como o da "ruptura da tradição e tradição da ruptura" (Paz, 1984: 38). Estas são as chaves que abriram ao longo do século um leque para um regime literário pautado no experimentalismo e na auto-referencialidade. Estas se tornariam bases sobre as quais a literatura contemporânea se reinventa, e é a partir delas que intenciono abrir uma breve argumentação sobre as escritas de dois narradores brasileiros de origem árabe, Raduan Nassar e Milton Hatoum.

16>17

Raduan Nassar nasceu no interior do estado de São Paulo em 1935, filho de imigrantes libaneses. Na adolescência foi para a capital com a família, onde cursou Direito e Filosofia na Universidade de São Paulo. Estreou na literatura no ano de 1975, com a novela *Lavoura Arcaica*. Em 1978 é publicado *Um copo de cólera* (escrita em 1970). Após a sua estréia na literatura, Nassar deixou de escrever em 1984 e vive hoje em um sítio em sua cidade natal. Em 1997, é publicada a obra *Menina a caminho*, reunindo seus contos dos anos 60 e 70. Com apenas três romances publicados é considerado pela crítica como um grande escritor e comparado a nomes consagrados da literatura brasileira como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Tudo isso graças à extraordinária qualidade de sua linguagem e força poética da sua prosa, fato que lhe permite ser cultuado por um pequeno círculo de leitores.

Milton Hatoum nasceu no Amazonas, em Manaus, "cidade ilhada e talvez perdida" (Hatoum, 2004: 1), como ele mesmo define e que foi até agora, cenário de sua obra. Uma Manaus reiventada através de trechos esparsos de memória totalmente atravessada pela cultura árabe, presentes em suas novelas mais conhecidas, *Relato de um certo oriente* (1989) e *Dois Irmãos* (2000). Hatoum junta uma coleção de fragmentos coletados da própria família e de histórias pessoais de outros imigrantes em outros cantos do mundo. De um modo mais amplo a cidade de Manaus posta-se como metáfora do universo latino-americano, constituído como num *patchwork* por pedaços das mais diversas identidades.

Uma das forças narrativas de Milton Hatoum ancora-se, justamente nessa questão, se considerarmos que no presente, a idéia de que familiaridade ou proximidade relacionadas com o pertencimento a uma dada cultura, não podem mais ser utilizadas como critérios relevantes, pelo menos no campo das humanidades. Aliás, a idéia do “encontro da familiaridade na distância” (cf. Ginsburg, 2001: 11) não determina que tudo e que todos sejam iguais, pois a sensação de ser estrangeiro em relação a alguma coisa ou a alguém é uma temática bastante generalizada que percorre a muito tempo parte do pensamento bem como dos escritos da humanidade.¹

>>

Para que possamos focalizar melhor onde a obra de Nassar e de Hatoum estão circunscritas dentro do próprio Brasil, é importante mencionar que num recorte mais estrito a temática da estranheza, ou ainda, a da familiaridade na distância, se tornaria parte de um ideário compartilhado pelos intelectuais modernistas no Brasil. O ensaísta e historiador Sérgio Buarque de Hollanda inicia o parágrafo de abertura de seu ensaio clássico de 1937, “Raízes do Brasil”, com a seguinte frase: “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (Buarque de Hollanda, 1995: 31). Vale frisar o estreito convívio deste ensaísta com os artistas e intelectuais oriundos da Semana de Arte Moderna de 1922, cuja importância como estudo pioneiro de interpretação histórico-sociológica do país ainda gera vivos debates.

A temática dos distanciamentos e aproximações, estranhezas e familiaridades, é amplo, não é novo e pode ser pensando em diferentes disciplinas. No entanto, este tema que o presente congresso convoca nos leva enquanto participantes, a um recorte que, deveria tentar dar conta de algumas problemáticas intrínsecas da literatura comparada. Nesse sentido, valeria lembrar que os oito séculos de influência mourisca na

Península Ibérica, os modelos narrativos do Oriente afetaram de forma profunda, deixando marcas, não apenas à língua e à cultura, mas o próprio modelo narrativo. Posteriormente, a expansão colonial iria acrescentar a esta fusão cultural prévia, toda uma série de novos cruzamentos feitos a partir das mesclas étnicas da América Latina.

A construção narrativa dos livros de Hatoum expressa bem a fluidez entre duas culturas, a árabe e a brasileira. O que não equivale à dualidade oriental-ocidental, pois, "o Brasil não é uma sociedade branca ocidental, longe disso" (Hatoum, 2004: 2), conforme comenta o próprio escritor. Nesse cenário de identidades semi-diluídas que compõe o país, Hatoum mostra a mistura de idiomas (além do português e do árabe, interferências do francês e do espanhol), de ritos, desejos, conflitos e até receitas culinárias.

Por sua vez, Raduan Nassar em alguns momentos de sua narrativa, põe em discussão os elementos considerados como os mais estáveis relacionados com a cultura dos antepassados. Numa passagem de *Lavoura Arcaica* vê-se o confronto entre duas posições - de um lado a figura do imigrante aberto e adaptável, e a do que mantém-se enraizado ao determinismo de sua condição - conforme pode-se ler nas falas do pai e do avô do narrador:

Ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário do pai - em que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote toco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: "Maktub." (Nassar, 2005: 89)

Se por um lado o determinismo do avô expressado sucinamente pelo "Maktub", o "está escrito", é capaz de nos dirigir ao caráter imutável dos textos religiosos, por outro, pode nos direcionar a algumas teorias da literatura na modernidade tardia, através da idéia de que o texto pode funcionar como um

agente que é capaz de antecipar certos acontecimentos da vida, ou de que a ficção caminha à frente da verdade ou ainda, a de que há um elemento dentro da ficção que a desborda.² Parte da literatura moderna é afetada pelas teorias psicanalíticas de Freud e de Lacan. Entre elas, o *unheimlich* freudiano dialoga com os atravessamentos da linguagem, pois "diz respeito a tudo que deveria permanecer secreto, escondido e se manifesta" (Freud, 1996: 118).³ O psicanalista observa que a operação textual dentro de certas narrativas extrapola os limites da ficção codificada, fechada em seu próprio regime, para ir além, quando apresenta, por exemplo, o ponto de vista do personagem como realidade possível e não como puro delírio. Algo ao mesmo tempo familiar e inquietante, o *unheimlich* nesta clave de leitura extrai de uma fusão entre mítico e literário, elementos que interrogam os limites da representação.

>>

Nassar e Hatoum partilham da dimensão da familiar estranheza. Em *Lavoura Arcaica* o tema do incesto entre irmãos é o fermento no qual a história adquire tensões e permeia a narrativa e, em *Dois Irmãos*, a presença da floresta sendo destruída em ritmo paralelo à deterioração das relações entre as personagens; aponta à escravidão submersa na ausência de escolhas.

Milton Hatoum coloca em sua obra, o universo cultural brasileiro, que "não conhece fronteiras rígidas nem classificação de etnias", retratos de um Brasil plural, cujas "origens se diluem para formar uma outra coisa" (Hatoum, 2004: 2). É essa "outra coisa" que ocupa o centro da obra de Hatoum, essa alguma coisa que é diferente, que surge depois e, diríamos, num para além da imigração. Talvez seja exatamente a existência desse limiar, tecido narrativo que se estende como uma colcha de retalhos cultural, que concede à sua literatura um posto universalista.⁴ Uma forma de resgatar, do outro lado do mundo e no meio da selva amazônica, elementos da tradição oral de um Oriente geograficamente longínquo, mas culturalmente próximo. Um Oriente cujo palco das tragédias cotidianas em *Dois*

Irmãos é justamente a rede, essa criação indígena, postada no alpendre da casa da família de imigrantes libaneses. A rede, que segundo a definição de um dicionário é "um entrelaçamento de fios, cordas, cordéis e arames, com aberturas regulares, fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido" (Caldas Aulete, 1958: 4300).⁵

A tradição oral das histórias que passam de geração a geração, as vozes múltiplas dos comerciantes árabes e judeus ecoando pelas ruas de Manaus, a estrutura familiar com as fronteiras fluidas entre os espaços público e privado, encontra-se na metáfora da rede na casa libanesa como espaço simbólico. Um oriente amazonense que, segundo Hatoum, lembra um pouco "a estrutura das histórias que puxam as histórias de *As Mil e Uma Noites*" (Hatoum: 2004).

Algumas das influências que a narrativa ocidental sofreu dos modos de contar do mundo árabe, bem como uma certa imagem que o Ocidente construiu do Oriente por conta de alguns dos contos de *As mil e uma noites* foram analisadas pelo escritor argentino Jorge Luís Borges em uma das belas conferências de "Sete Noites":

O que é o Oriente? Definindo-o de modo geográfico, deparamos com algo bastante curioso, e é que parte do Oriente seria o Ocidente ou o que para os gregos e romanos foi o Ocidente, já que se entende que o Norte da África é o Oriente. Portanto o Egito é também Oriente, e as terras de Israel, a Ásia Menor e a Bactriana, a Pérsia, a Índia, todos esses países que se estendem para além e que têm pouco em comum entre si. Assim, por exemplo, a Tartária, a China, o Japão, tudo isso é o Oriente para nós. Ao dizer Oriente, parece-me em princípio, no Oriente islâmico, e por extensão, no Oriente do norte da Índia. (Borges, 1998: 257)

Para Borges a consciência do Oriente como algo "vasto, imóvel, magnífico, incompreensível" (*idem*, 258), é um acontecimento capital da história do Ocidente, que se manifesta em longos e remotos diálogos, que vão desde a presença da Pérsia

na história grega, incluindo a revelação do "longínquo" Egito em Heródoto e as conquistas de Alexandre, até as citações de Plínio na "História Natural" onde, "além da aurora e do Ganges" (*idem*, 259), situa-se o fascinante mistério que habita o desconhecido e a distância. A argúcia borgiana sobre a relatividade conceitual existente nos conceitos de Ocidental e de Oriental, captura as sutis e amplas nuances do problema e de como ele afeta o corpo literário.

Vale lembrar que o poder encantatório da palavra adia a morte e que Scherazade, moldura narrativa que viabiliza a reconquista da vida. Através de seu narrar, ela expõe os mecanismos dos fios tênues da linguagem, que precisam vencer constantemente, a ameaça de sua dissipação. >>

Os textos de Hatoum e de Nassar trazem as cicatrizes da revisão, da reescritura e da apreensão do caráter ancestral das tessituras narrativas do Oriente com os procedimentos herdados da modernidade que misturam o sublime com o banal, frases com sabor de improvisado com parágrafos de confecção impecável. Escritos que são como travessias que trazem as marcas de um longo convívio, que formam como que um corpo literário vivo que chegam com o intuito de atravessar a condição exausta do leitor pós-moderno.

As complexas peculiaridades da literatura latino-americana são uma força motriz que levou o ensaísta e narrador Silviano Santiago, a criar o conceito de *Entre-lugar* (Santiago, 1978: 23), com o intuito de escapar da imagem exótica estereotipada que foi sendo construída pelo eixo dos países hegemônicos.⁶ Santiago observa uma espécie de jogo cultural que se compõe simultaneamente de assimilação e recusa de padrões identificáveis de identidade, etnia ou hierarquias sociais. Recusas e assimilações que parecem também confirmar-se na obra dos dois narradores aqui citados. Embora esta posição não seja tarefa muito fácil. Pois até mesmo um aparentemente simples "passeio pelas origens" pode ser, como o próprio Milton Hatoum observou, ao relatar um encontro com Raduan Nassar

no fim dos anos 80: "uma conversa meio truncada, pois as origens são sempre uma busca, uma interrogação, um mito pessoal" (Hatoum, 2004: 3).⁷

O enigmático Nassar com apenas três obras — e considerado por Hatoum como o melhor escritor brasileiro vivo — desistiu de escrever para dedicar-se a agricultura.

Com efeito, *Lavoura Arcaica*, cujo título e argumento lembram o trabalho do arado, é uma novela que, apesar de extrema pungência e lirismo, é escrita a palo seco, a golpe de faca, como convém ao homem da terra, ao lavrador que Nassar é literalmente. O auto-exílio literário do escritor parece lembrar o pacto realizado em "O ventre seco", num acordo quase perfeito entre vida e obra. "Em troca do seu barulho, dou-lhe o meu silêncio" (Nassar, 1997: 43),⁸ diz o narrador, como sintoma de desencanto com a hipocrisia do mundo. A partir daqui seria possível tecer relações entre a breve obra e a vida de Nassar com todo um percurso da literatura moderna que se dá como ausência, desfecho, potência negativa ou ética da apatia, ilustrada em casos de autores que por alguma razão, ou mesmo na falta de algum motivo, declinaram do ofício de escrever, marcando a pele da Letra com rastros de silêncio. <<

NOTAS

* Este artigo foi apresentado no Colóquio Internacional "Novos Encontros Ocidentais-Orientais", que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 16 e 18 de Maio de 2007, organizado pelo Departamento de Estudos Germanísticos e pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

[1] O historiador italiano detém-se sobre o tema do distanciamento ao articular as teorias do formalismo russo e a problemática do *procedimento* na arte e na literatura do início do século XX com o conceito de distanciamento conforme percorre a história cultural.

[2] Cf. por exemplo, as postulações sobre a escritura de Roland Barthes em *O prazer do texto* (2002), São Paulo, Perspectiva; e as de Michel Foucault nos ensaios sobre estética como, "A linguagem ao infinito. Dizer e ver em Raymond Roussel. O que é um autor?", constantes em *Ditos e Escritos*, vol. III. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema* (2001), Rio de Janeiro, Forense.

[3] Como escreve o próprio Freud em texto publicado em 1919, e posteriormente como "O estranho" em português; "El siniestro" ao espanhol, "L' inquiétant étranger" ao francês, e ainda "The uncanny" ao inglês. Trata-se de uma análise de um conto de Hoffmann, "O homem de Areia". In Sigmund Freud "O estranho", in *Obras Completas*, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

[4] Esta classificação é comprovada na obra de Hatoum pelas traduções de *Relato de um certo Oriente* (1989) para seis idiomas, com publicações em oito países diferentes. E de *Dois Irmãos* (2000) para oito línguas, com publicações em dez países.

[5] A metáfora entre texto e tecido percorre o cerne da linguagem literária.

[6] Na década de 70 o ensaísta e narrador brasileiro Silvano Santiago, para refletir sobre a posição ambivalente da literatura latino-americana, valendo-se dos ensinamentos filosóficos de Jacques Derrida sobre a *différance* — palavra inventada cujo propósito é o de relacionar-se com algo que não a si próprio, que guarde a marca de algo em si do passado, mas já se deixando invadir por uma marca futura — cria o conceito de *Entre-lugar*: "Entre a submissão ao código e a agressão, obediência e rebelião entre a assimilação e a expressão, - ali nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana." in *Por uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*, São Paulo, Debates, 1978.

[7] Hatoum, Milton, in *Deutsche Welle. DW-World*. 11/10/2004. O escritor sustenta nesta entrevista que sob a alcunha de *Islamismo* há um discurso da extrema direita, que tenta separar radicalmente as culturas: "Essa é a idéia, por exemplo, de um dos teóricos do Pentágono, Samuel Huntington, que fala do 'choque das civilizações'. Sua posição teve inclusive como resposta um ensaio importante do Edward Said, editado no Brasil dentro do volume *Reflexões sobre o Exílio*. Esse choque é um choque de ignorância, de um discurso que defende interesses do Ocidente, no caso dos EUA, para criar uma hegemonia cultural. E, no entanto, as culturas sempre foram misturadas".

[8] Autores que desistem da literatura inscrevem-se na tradição de Rimbaud e encontram um aporte no tema da novela *Barleby & Companhia* do narrador espanhol Enrique Villa-Matas, onde a teia narrativa é armada com uma elaborada pesquisa sobre o que denomina de "escritores do não"; noutras palavras, narradores que por algum motivo, e até mesmo na falta deste, desistiram do ofício literário.

BIBLIOGRAFIA √

Barthes, Roland (2002), *O prazer do texto*, São Paulo, Perspectiva.

Borges, Jorge Luis (1998), "As mil e uma noites" in *Sete noites. Obras Completas*, vol. III, Porto Alegre, Globo.

Buarque de Hollanda, Sérgio (1995), *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras.

Caldas Aulete (1958), *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, vol. IV, Rio de Janeiro, Delta.

24>25

Foucault, Michel (2001), *Ditos e Escritos, vol. III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*, Rio de Janeiro, Forense.

Freud, Sigmund (1996), "O estranho" in *Obras Completas*, vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago.

Ginsburg, Carlo (2001), *Olhos de madeira (nove reflexões sobre a distância)*, trad. Eduardo Brandão, São Paulo, Companhia das Letras.

Hatoum, Milton (1989), *Relato de um certo oriente*, São Paulo, Companhia das Letras.

-- (2000), *Dois Irmãos*, São Paulo, Companhia das Letras.

-- Entrevista in *Deutsche Welle. DW-World*. 11/10/2004.

Nassar, Raduan (1997), "Ventre seco", in *Menina a caminho*, São Paulo, Companhia das Letras.

-- (2005), *Lavoura Arcaica*, São Paulo, Companhia das Letras.

Santiago, Silviano (1978), *Por uma literatura nos trópicos. Ensaio sobre dependência cultural*, São Paulo, Debates.

Paz, Octávio (1984), *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Vila-Mattas, Enrique (2005), *Bartleby & Companhia*, São Paulo, Cosac&Naify.